

ARTICULAÇÃO QUILOMBOLA EM REDES DIGITAIS: DESAFIOS, LUTAS E RESISTÊNCIAS NA GLOBALIZAÇÃO

Marineide Pereira de Oliveira¹, Francilene Sales da Conceição²

RESUMO

Os movimentos de lutas sociais e de resistências territoriais são resultado de um movimento histórico e, ao mesmo tempo, atual de busca por direitos no Brasil, especialmente em um contexto de globalização marcado por contradições socioespaciais e territoriais. As comunidades quilombolas recriam suas estratégias de resistências territoriais ao se apropriarem das tecnologias digitais em defesa de seus territórios/territorialidades. Este trabalho analisa como as comunidades quilombolas do estado do Amazonas se reinventam, utilizando as tecnologias da informação, através de perfis nas redes *Facebook* e *Instagram* para visibilizar suas demandas sociais e resistir aos impactos da globalização hegemônica. Partindo de uma abordagem qualitativa e do método dialético, a pesquisa baseou-se em revisão bibliográfica, incluindo os autores Santos (2001) e Fabrini (2007), e na identificação de perfis quilombolas nas referidas plataformas digitais. Os resultados demonstram que, embora a globalização aprofunde exclusão e desigualdades, encontram-se nela ferramentas para articulação política, permitindo que essas comunidades fortaleçam as suas vozes e práticas, conectando lutas locais à contextos globais. Foram mapeados perfis em redes sociais, como estratégias de resistências que combinam ancestralidade, resistência e inovação tecnológica. Ao ressignificar as redes sociais, os(as) quilombolas constroem contra-narrativas e reforçam a possibilidade de outra globalização.

PALAVRAS-CHAVE: Globalização. Quilombo. Redes Sociais. Resistências.

INTRODUÇÃO

As lutas sociais e resistências territoriais são parte do movimento histórico de reivindicação de direitos no Brasil, a exemplo das revoltas contra a escravização colonial, de negros e indígenas e, depois, a luta histórica do campesinato pelo uso e permanência na terra, bem como diversos outros movimentos sociais no país. São movimentos de lutas e resistências eficazes porque articulam lutas em diferentes espaços e contextos, muitas vezes com ações em escala nacional e internacional, criando as “redes de movimentos sociais” (Fabrini, 2007) que conectam demandas sociais locais a contextos de mobilizações globais.

Em tempos marcados pela globalização e avanço das tecnologias da informação, as informações são veiculadas em tempo recorde, trazendo a sensação de conectividade com o mundo. Porém, as classes sociais menos favorecidas da sociedade continuam a enfrentar exclusão digital, desigualdades sociais e desafios históricos, resultando nas contradições socioespaciais advindas de um modelo econômico vigente. Mas as mesmas ferramentas que sustentam essa estrutura, que são dos meios de comunicação, podem ser ressignificadas como novas formas de resistência e articulação para a visibilidade de suas lutas.

Frente a isso, o advento da globalização consolidou a hegemonia de um sistema que redefine as relações sociais, econômicas e políticas em escala planetária, conforme Santos (2001) que analisa essas mudanças a partir de três perspectivas. Inicialmente, pela maneira na qual o ser humano é levado a concebê-la - uma fábula - como se todos(as) pudessem alcançar eventuais oportunidades de um mundo globalizado, quando, na verdade, a realidade é perversa, e as mazelas sociais são aprofundadas. Mas, o autor apresenta o mundo como ele pode ser, em uma possibilidade de criação de uma outra globalização.

Os territórios/territorialidades quilombolas, historicamente marginalizados e excluídos, recebem os impactos dessa globalização mas também encontram, nas tecnologias da informação,

¹ Acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Amazonas - PPGeo/UEA. Manaus, Amazonas, Brasil. Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas - FAPEAM. E-mail: mpdo.mge24@uea.edu.br.

² Docente do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Amazonas e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Amazonas - PPGeo/UEA. Manaus, Amazonas, Brasil. E-mail: fconceicao@uea.edu.br.

instrumentos para somar na resistência e articulação em grupo. Assim, este trabalho, com perspectiva crítico-dialética, busca analisar como as comunidades quilombolas do estado do Amazonas se reinventam, utilizando as tecnologias da informação, em especial através de perfis nas redes *Facebook* e *Instagram* para visibilizar suas demandas sociais, pois ainda que a globalização perversa seja excludente, ela contraditoriamente oferece meios para visibilizar lutas e resistências, através da *internet* e as redes sociais, para a organização política.

MATERIAL E MÉTODOS

Essa pesquisa foi realizada a partir de abordagem qualitativa e do método dialético (Sposito, 2004), que possibilita evidenciar as contradições manifestadas na realidade, com análise feita sob um olhar crítico. Os caminhos metodológicos incluem a leitura em Santos (2001), abordando a globalização como um fenômeno perverso, mas com possibilidades de resistências a partir do uso de tecnologias, e Fabrini (2007), entendendo a importância dos movimentos sociais em rede. Além disso, houve pesquisa nas plataformas *Instagram* e *Facebook*, através dos descritores de busca “quilombo”, “associação quilombola” e “quilombo AM”, a fim de identificar perfis de associações, projetos ou cooperativas de quilombos no Amazonas. A análise se centra na compreensão da articulação quilombola nas redes sociais digitais como uma das formas de conceber uma outra globalização.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Vive-se, atualmente, a era das tecnologias, em que o avanço tecnológico altera as dinâmicas de vida dos seres humanos, estando presente em diferentes espaços. As informações veiculadas, os assuntos em pauta e os meios de difusão das informações sofrem influência das forças hegemônicas que buscam controlar essas relações. Santos (2001, p. 69) argumenta que a globalização é caracterizada pela hegemonia de um sistema moderno e técnico científico informacional dominado pelas tecnologias da informação, que atua como “elo entre as demais, unindo-as e assegurando a presença planetária desse novo sistema técnico”. Mas, essa mesma lógica hegemônica também abre brechas para resistências, onde os grupos marginalizados, ao se apropriarem criticamente dessas tecnologias, constroem articulações que desafiam a homogeneização cultural e política.

Santos (2001) argumenta que, embora a globalização hegemônica seja controlada pelos “donos do tempo e do espaço”, ela também permite que os “de baixo” reinventem formas de resistência. As tecnologias da informação, como as redes sociais, são ferramentas para articulações de movimentos sociais, inclusive a mobilização quilombola. As plataformas digitais permitem que os(as) quilombolas amplifiquem suas vozes e fortaleçam as suas estratégias e práticas territoriais e ancestrais. A apropriação das técnicas informacionais ressignifica o uso dessas ferramentas, originalmente voltadas para o mercado global, como instrumentos de luta política.

Essa situação se aproxima das contribuições de Fabrini (2007) quando este autor ao se referir aos movimentos camponeses, fala sobre a atuação dos movimentos sociais em rede, que facilitam a troca de experiências de movimentos de distintos territórios e a pressão política em múltiplas escalas, articulação importante para enfrentar socialmente e politicamente poderes centralizados e conservadores, como o Estado e o capital. Nesse sentido, as redes sociais digitais podem se somar a isso de forma a ampliar essa capacidade de visibilidade das lutas dos movimentos sociais, permitindo que suas demandas transcendam os limites geográficos e alcancem escalas globais, agora via *internet*.

Santos (2001) aponta que a globalização atual não é irreversível, e as alternativas a ela surgirão das margens do sistema. As comunidades quilombolas, ao se valerem das tecnologias da informação para fortalecer suas lutas, podem exemplificar essa possibilidade de construção de “uma outra globalização”, transformando as redes sociais digitais em espaços de contra-narrativas ao discurso/pensamento único e dominante. Após pesquisas nas plataformas digitais *Instagram* e *Facebook* foram localizados os seguintes perfis de articulação quilombola no Amazonas:

Quadro 1 – Perfis de articulação quilombola no Amazonas

Perfis encontrados no Instagram	1. Quilombo Urbano de São Benedito (@quilombourbano); 2. Associação de mulheres negras e quilombolas do quilombo de São Benedito (@crioulasdoquilombo.am); 3. Quilombo São Francisco do Bauana (@quilombobauana); 4. Juventude extrativistas, quilombolas e indígenas de Tefé (@jovensprotagonistas2011); 5. Quilombo Sagrado Coração de Jesus (@quilombo_do_serpa); 6. Associação quilombola do Tambor (@quilombo.do.tambor); 7. CONAQ Amazonas (@conaqamazonas).
Perfis encontrados no Facebook	1. Quilombo do Santo Benedito; 2. Crioulas do Quilombo; 3. Ituquara Rio Andirá; 4. Jovens protagonistas; 5. Quilombo do Serpa; 6. Quilombos Conaqam.

Fonte: Trabalho de gabinete (2025).

A articulação dos quilombolas nas redes sociais elencadas no Quadro 1 revelam a dinâmica de processos de uma multiplicidade de lutas sociais e resistências territoriais através do compartilhamento de ações feitas nas comunidades, como também mobilização de sua juventude e de suas associações, participação em eventos, momentos culturais, produções artesanais e reivindicações ao poder público em defesa de suas territorialidades. Ao se apropriarem criticamente das tecnologias da informação, essas comunidades contestam a globalização hegemônica, e também constroem caminhos alinhados à visão de que “o futuro são muitos e resultarão de arranjos diferentes, segundo nosso grau de consciência, entre o reino das possibilidades e da vontade” (Santos, 2001, p. 78). Frente a isso, a articulação quilombola no período técnico-científico-informacional mostra possibilidades de criar novas geografias de resistências, confirmando que a “outra globalização é possível”, a partir do protagonismo das periferias, nas lutas dos “de baixo”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das articulações quilombolas em tempos de globalização mostra que, embora a globalização hegemônica e perversa aprofunde desigualdades, é possível encontrar nela ferramentas para resistência de uma identidade negra que é social, política e ancestral. As comunidades quilombolas, ao se apropriarem das redes sociais, transformam-nas em espaços de visibilidade, denúncias das desigualdades e contra-narrativas, conectando lutas locais a contextos globais. Essa ressignificação das tecnologias digitais traz a possibilidade de uma “outra globalização”, como propõe Santos (2001), construída a partir das margens do sistema. Assim, mesmo em um cenário de dominação técnica científica e informacional, é possível reinventar estratégias de resistências que unem ancestralidade, inovação e luta por direitos, reafirmando o protagonismo das territorialidades quilombolas na construção de futuros plurais.

REFERÊNCIAS

- FABRINI, J. E. **A resistência camponesa para além dos movimentos sociais**. Revista NERA. Presidente Prudente, n.º. 11, p.8-32, jul/dez. 2007. Disponível em:
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização: Do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SPOSITO, E. S. **Geografia e filosofia: Contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.